

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Orientação Profissional, Adolescência e Políticas Públicas: reflexões a partir de
um relato de experiência

Rafael Menegatto

Uberlândia

2019

Rafael Menegatto

Orientação Profissional, Adolescência e Políticas Públicas: reflexões a partir de
um relato de experiência

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Reis

Uberlândia

2019

Rafael Menegatto

**Orientação Profissional, Adolescência e Políticas Públicas: reflexões a partir de
um relato de experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis

Profa. Dra. Ligia Carolina Oliveira Silva

Profª Drª Camila Turati Pessoa

Uberlândia, 05 de julho de 2019.

Agradecimentos

Este trabalho torna-se possível primeiramente pelos meus pais, Valdir e Giovânia, e pelo privilégio de tê-los para que essa experiência fosse realidade. Sem isto a universidade seria algo de difícil adesão por questões socioeconômicas.

A respeito de minha orientadora de estágio e do trabalho de conclusão do curso, Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Reis, não há palavras para agradecer a mediação, a persistência e a compreensão no percurso do curso a respeito de minha desorganização com os fazeres da universidade. Sempre se mostrou aberta para diálogos a respeito da Psicologia e do mundo, com pontuações críticas e complexas, mostrando uma visão ampliada de sua compreensão de teoria e prática.

Aos meus amigos sou extremamente grato às possibilidades de discussão e de reflexão e também pela perseverança de lidar com a minha pessoa nesta trajetória.

Agradeço profundamente os colegas e professores do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia que, de forma positiva ou negativa, agregaram para minha formação como cidadão e profissional da saúde. Os diferentes contatos através das aulas, projetos de extensão, estágios e encontros informais possibilitaram refletir sobre a Psicologia e o mundo em que a sociedade se encontra inserida.

Com isso, concluo minha trajetória no percurso dentro da graduação em Psicologia determinado e ansioso com a minha projeção de futuro, tendo a percepção sobre a atuação do psicólogo e em suas diferentes áreas.

Resumo

Durante a adolescência, uma das dificuldades que se observa diz respeito ao processo de escolha profissional e das questões entrelaçadas neste processo. O trabalho em Orientação Profissional vem ganhando destaque por proporcionar ao adolescente possibilidades mais concretas de realizar uma escolha autônoma e crítica. Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de estágio profissionalizante em orientação profissional voltado para o público adolescente e promover uma reflexão sobre esta prática enquanto política pública. O estágio em Orientação Profissional foi realizado no Centro de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, durante o ano de 2018. Atendeu 20 adolescentes, com idade média 16 anos, de ambos os sexos e estudantes do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade de Uberlândia. Foram realizados 12 encontros semanais, em grupo, com duração de 90 minutos e no formato de oficinas expressivas que abordaram as temáticas: autoconhecimento, determinantes da escolha, mundo do trabalho, informação profissional e projeto de futuro. Ao final do trabalho, percebeu-se que esta prática proporcionou efeitos positivos sobre os adolescentes, uma vez que estes revelaram maior segurança em sua tomada de decisão. Diante disso, constata-se a necessidade de instrumentalização do adolescente com conhecimentos de si e do mundo do trabalho a fim de evitar evasões e escolhas frustradas que podem acarretar adoecimentos.

Palavras-Chave: Orientação Profissional; Adolescência; Políticas Públicas.

Abstract:

During adolescence, one of the difficulties that is observed concerns the process of professional choice and the issues intertwined in this process. The work in Professional Orientation has been gaining prominence for providing the teenager with more concrete possibilities to make an autonomous and critical decision. Thus, the present work aims to report a professional internship experience in professional orientation aimed at the adolescent public and to promote a reflection on professional orientation as a public policy. The Professional Orientation stage was held at the Centro de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal in Uberlândia during the year 2018. It attended 20 adolescents, with an average age of 16, of both sexes and high school students from public and private schools in Uberlândia. Twelve weekly meetings of 90 minutes were held for group activities with expressive workshops that addressed the following topics: self-knowledge, determinants of choice, work market, professional information and future projects. At the end of the study, it was observed that this practice has positive effects on the adolescents, once they reveal greater security in their decision making. Therefore, it is necessary to use the adolescent's knowledge and the work market in order to avoid evasions and frustrated choices that can lead to illness.

KeyWords: Professional Orientation; Adolescence; Public Politics

Sumário

1	Apresentação.....	1
2	Contextualização teórica.....	3
2.1	Adolescência em questão.....	4
2.2	Orientação Profissional.....	7
2.3	Orientação profissional e políticas públicas.....	11
3	Estrutura do trabalho.....	14
3.1	O trabalho de orientação profissional com adolescentes.....	15
3.2	Autoconhecimento e o processo de escolher.....	17
3.3	Recursos de informação e sua importância.....	21
3.4	Encerramento com os profissionais.....	25
4	Considerações finais.....	27
5	Referências.....	30

Apresentação

Em tempos de precarização do trabalho, marcado por incertezas, pela instabilidade socioeconômica e pela falta de perspectiva, a escolha de uma profissão torna-se um grande desafio para o adolescente. Quando unimos elementos como autoconhecimento, mundo do trabalho, informação profissional e projeto de futuro é possível garantir maior segurança e autonomia no momento de definir uma determinada área de atuação, mostrando altos índices de sucesso na sua escolha, porém poucos adolescentes têm acesso a esses elementos.

Diante do cenário político-econômico atual, diante do capitalismo, das relações de trabalho, os impactos das inovações tecnológicas, é possível notar mudanças importantes na oferta de trabalho. Tendo participado do estágio profissionalizante em Orientação Profissional, com grupos de adolescentes, foi possível perceber diferentes aspectos: demandas explícitas dos adolescentes a respeito do processo de escolha profissional, refletido pelo número de inscritos nos grupos; falta de projetos em escolas públicas que informem os estudantes sobre as modalidades de cursos e profissões, compreendendo um movimento de elitização dos serviços desta natureza; a carência de estudos e práticas sobre esta temática, visualizando que não há disciplinas obrigatórias que (in)formem os estudantes do Ensino Médio para escolha de uma profissão; e, a necessidade de produzir conhecimento científico para embasar futuras práticas no território nacional. Portanto, este trabalho se mostra como uma oportunidade de delimitar o espaço da Psicologia com as questões entre o sujeito e o trabalho e de buscar a democratização da educação pelo acesso aos serviços de orientação profissional para os indivíduos de camadas menos favorecidas.

Este trabalho trata-se de um relato de experiência para trazer a discussão sobre a adolescência, orientação profissional e as políticas públicas, compreendendo a primeira como uma construção histórico-cultural, argumentando que a segunda e a terceira se mostram como um campo teórico e prático capaz de auxiliar na relação entre o sujeito e a escolha de uma área de conhecimento, possibilitando reduzir a evasão escolar, custos públicos e fazer o acolhimento e a construção de um projeto laboral da juventude, promovendo o bem estar e atuando como uma prática de prevenção às problemáticas que envolvem o sujeito e a escolha profissional.

Ozella e Aguiar (2008) pontuam que uma característica comum a todas as adolescências é a reprodução a partir das concepções que são instituídas pela sociedade de como ser

adolescente, tendo a Psicologia o papel de refletir a construção das concepções a respeito da adolescência para o desenvolvimento do trabalho do profissional de forma crítica e reflexiva.

Para entender o processo da produção científica a respeito de tais temas é necessário compreender como a ciência entende determinados conceitos, quais foram os contextos históricos em que houveram estes processos. Como dizem Luckow e Cordeiro (2017), é necessário o questionamento dos conhecimentos científicos produzidos a respeito da adolescência e das áreas que atuam em conjunto, pois como apontado por Ozella e Aguiar (2008), os adolescentes incorporam valores, comportamentos e características que são atribuídas à concepção de adolescência. Com isso, compreende-se que o papel do psicólogo deve estar pautado nas concepções que englobam todos os aspectos da adolescência para ser capaz de promover estratégias de ações para este público (Fonseca & Ozella, 2010).

Como discutido por Silva e Angelucci (2018), a respeito da Conferência Nacional de Educação (Conae), é visível a necessidade de criar estratégias e políticas educacionais que visualizem todas as questões envolvidas com o aluno no processo de aprendizagem, ampliando para além das questões como queixa e rendimento escolar, mas agregando influências sociais, culturais, econômicas, e que busquem alcançar o direito de ensino público para todos e com qualidade. A Orientação Profissional, por envolver em suas atividades tanto a família quanto os professores, criam-se um espaço para trabalhar questões individuais, sociais e laborais, respeitando a subjetividade de cada sujeito e contribuindo para um processo educativo complexo, rico e crítico. Por isso, se mostra como uma possibilidade de política educacional nacional que aumente a qualidade do ensino público, visando a democratização nas vagas de emprego e no acesso à universidade.

Este trabalho inicia-se com três capítulos teóricos que discutirão as construções dos conceitos de adolescência, orientação profissional e políticas públicas. Em sequência, serão apresentadas as atividades realizadas no estágio em orientação e profissional e, por fim, a considerações finais e as referências.

Conceituação teórica

Adolescência em questão

Ao investigar a historicidade da construção da adolescência e da produção científica, é possível perceber a influência de teorias naturalizantes e universais que atribuem à adolescência a ideia de uma fase inata ao ser humano. Luckow e Cordeiro (2017) compreendem diferentes concepções de adolescência, sendo as mais difundidas aquelas que possuem paradigmas priorizando aspectos individuais e biológicos, relacionados com as mudanças fisiológicas durante a puberdade, desvalorizando aspectos históricos e sociais do indivíduo, onde a adolescência muitas vezes é vista como momentos de crise, de desestabilidade. com Tomio e Facci (2009) pontuam que a trajetória científica da concepção de adolescência teve momentos onde os contextos sociais e históricos do sujeito eram desvalorizados perante os paradigmas desenvolvimentistas, vinculada à ideia de maturação, priorizando tais aspectos.

Como pontua Ozella (2002), a trajetória da concepção de adolescência na Psicologia é marcada por conflitos e tormentos que estão relacionadas com a construção da sexualidade. Apesar de haver inúmeras teorias a respeito de adolescência, foi Erickson (1976) um dos grandes autores que influenciou a criação de uma visão naturalizante, estigmatizante e universal que se atribui à adolescência, no qual ele introduziu o conceito de moratória e aprofundou os estudos sobre identidade e personalidade nessa etapa da vida.

De forma geral, a adolescência vem sendo compreendida pela Psicologia como uma fase do desenvolvimento humano inevitável marcada por mudanças físicas, cognitivas e psicológicas, na qual o adolescente vive um momento de confusão de papéis, de crises de identidades, sendo na maioria das vezes atribuída características que são vistas como negativas pela sociedade, como descrevem Luckow e Cordeiro (2017). Em consequência disso, a adolescência é vista como um período marcado por determinadas características que irão aflorar inevitavelmente nesta fase, como em qualquer indivíduo, sendo possível visualizar a naturalização e a universalização de sua concepção.

Bock (2007) afirma que é papel da Psicologia criticar concepções naturalizantes e universais, pois este conhecimento é utilizado para planejar ações e políticas que são pautadas em uma visão crítica, transformadora, e atualmente está marcada por teorias estigmatizantes que prejudicam a investigação do fenômeno como tal e, consequentemente, determina como os sujeitos são atravessados e influenciados por estas concepções nas práticas de profissionais. A partir da visão biologizante da adolescência, as questões sociais e o processo de construção dos

sujeitos ficam desconsiderados e a prática profissional se estabelece a partir das concepções de apenas uma visão de mundo, mascarando influências como de vulnerabilidade encontradas em diversas adolescências, como foi apontado por Fonseca e Ozella (2010).

Com base no pensamento sobre a naturalização da adolescência, Baroncelli (2012), afirma que, a partir das críticas da perspectiva sócio histórica, a adolescência compreendida como universal e natural para todas as culturas foi baseada a partir de um grupo de adolescentes pertencentes às classes médias e altas da sociedade.

Com isso, compreende-se que a adolescência teve um percurso histórico ao estabelecer sua configuração atual, mas como afirmam Lima, Prado e Souza (2014), a adolescência sofreu transformações a partir das condições históricas e sociais vigentes do começo do século XX. Com a sofisticação do trabalho, a necessidade de especialização para a utilização de máquinas, e a grande taxa de desemprego, o adolescente teve sua inserção no mundo do trabalho adiada, sendo introduzido no contexto escolar no começo da segunda infância para a preparação de uma mão de obra qualificada que pertenceria à sociedade capitalista vigente. Com isso, introduziu-se um paradoxo existente na condição de ser adolescente, considerando que ele possui as capacidades físicas para o trabalho, mas necessita-se de uma preparação social para sua inserção na sociedade, dando condições para se estabelecer características naturais à adolescência, sendo confusão, rebeldia, instabilidade, etc.

Senna e Dessen (2012) compreendem que a história da produção científica a respeito da adolescência foi composta por dois momentos, nos quais a primeira fase caracteriza pela descrição dos processos de desenvolvimento sobre esta fase, marcados pelos pressupostos da medicina, do desenvolvimento, do cognitivismo, e a segunda contempla a visão contextualista durante o século XX, sendo teorias que criticavam as concepções em sua história.

Na primeira fase é possível encontrar quatro grupos distintos que se dedicaram a compreender a adolescência. No primeiro grupo destacam-se autores como G. Stanley Hall (1846-1924), que caracteriza a adolescência como uma fase de transição universal e inevitável, sendo uns dos pioneiros no estudo científico sobre essa etapa da vida.

A segunda fase é caracterizado pelas obras de Sigmund Freud (1856-1939) que, pelos pressupostos da psicanálise, pressupõe que a adolescência é um período que se caracteriza pela reativação de impulsos sexuais vivenciados em etapas anteriores de desenvolvimento, sendo considerado como normais conflitos durante a puberdade.

Na terceira fase, Erik Erikson (1902-1994) é seu representante a partir de sua teoria do desenvolvimento psicossocial. Por meio da integração dos pressupostos da psicanálise e da antropologia cultural, estrutura etapas do desenvolvimento que possuem crises a serem superadas, sendo a adolescência o período onde o sujeito entra em conflito a partir das crises de identidade. Erikson também leva em consideração o impacto do ambiente na construção do sujeito, havendo a necessidade de um ambiente de reforço, segurança e encorajamento para superar as crises.

E, por último, o quarto grupo é caracterizado pelas teorias de Jean Piaget (1896-1980), tendo um cunho cognitivo e comportamental, onde se configuram em estágios de desenvolvimento, sendo o do operatório formal característico da adolescência, que possibilitam transformações em seu modo de pensar, habilitando-o a fazer reflexões e abstrações.

Na segunda fase ocorre uma mudança de paradigmas na compreensão sobre o ser humano. A partir de 1970 um grupo de estudiosos propuseram a ideia sistêmica do desenvolvimento que considera os aspectos biológicos, psicológicos e ambientais inerentes ao processo, sendo possível compreender a relação entre os aspectos que são relacionados com tal.

De toda forma, como dizem Tomio e Facci (2009), percebe-se que a produção científica sobre a adolescência é norteadas pelas transformações físicas referentes à puberdade e pelo amadurecimento emocional, desvalorizando os aspectos sociais e culturais dos sujeitos em questão, sendo possível visualizar a partir do que foi pontuado anteriormente.

A respeito da concepção da adolescência, foi constatado que a psicologia sócio-histórica atingiu o objetivo de teorizar a adolescência a partir de uma perspectiva crítica. Os pressupostos naturalizantes seriam revisados e haveria o resgate dos aspectos subjetivos sobre o desenvolvimento deste período. Portanto, será utilizada tal concepção de adolescência neste relato de experiência por contemplar tal fenômeno de forma crítica e por ser o referencial teórico utilizado para fundamentar o trabalho que realizamos.

Partindo dos escritos de Naves (2016), a Psicologia sócio histórica possui como representante o autor Levi Semyonovitch Vigotski. Sua perspectiva visualiza o sujeito a partir de uma posição ativa, ou seja, o sujeito se constrói não mais visto sendo determinado a partir de leis naturais e maturacionais, mas ele se constrói com base nas relações sociais e culturais intrínsecas ao contexto histórico em que se insere. Tomio e Facci (2008) contribuem pontuando que Vigotski considera duas esferas que impactam a subjetividade humana, sendo a filogênese,

a evolução da espécie humana, e a ontogênese, referente à construção individual. É importante notar que estas esferas são interdependentes e ambas se influenciam e se constroem simultaneamente, ao se relacionarem de forma dialética as questões subjetivas do sujeito e a objetividade do mundo concreto, como o contexto histórico e a classe social. Portanto, para investigar o processo da evolução humana é necessário compreender a relação entre a atividade, a mediação social e o desenvolvimento do indivíduo como tal.

Em vista disso, a adolescência, a partir da perspectiva sócio histórica, se torna múltipla, pois considera características contextuais que são desconsideradas por outras teorias e que influenciam na subjetividade, como a classe social, a etnia, a cultura em que se insere, sendo impossível compreender a adolescência como um processo comum, inevitável, necessário e igual para todos. Tomio e Facci (2008) pontuam que para Vigotski o aspecto fundamental de sua teoria a respeito da adolescência é a respeito das funções superiores e de seu desenvolvimento. Estas funções estão relacionadas com a capacidade de abstrair, de conceituar, com atividades como a memória e a atenção, e que são marcos do período da adolescência, sendo consideradas como fundamental para a construção da personalidade do sujeito. Portanto, o adolescente transforma e se transforma por meio da atividade e das relações sociais o mundo ao seu redor.

Com isso, uns dos processos que remetem questões de identidade e de inserção social, inerentes ao sistema social vigente como o trabalho e a remuneração, são atravessados pelo processo de escolha profissional. O adolescente chega ao momento de escolher como participar na sociedade, balanceando as necessidades materiais com as questões psíquicas como a satisfação, o bem estar, entre outros. Portanto, a Orientação Profissional possibilita atuar sobre as questões educacionais e de personalidade que envolvem a escolha profissional, contemplando que cada sujeito nasceu em determinado contexto, família, bairro, escola, condições inerentes a cada um.

Orientação Profissional

A Orientação Profissional se mostra como uma ferramenta útil ao psicólogo para trabalhar com questões desencadeadas pelo processo de escolha profissional na adolescência, como a angústia, a ansiedade, questões familiares e escolares propriamente ditas. Com isso, mostra-se relevante compreender a construção teórica ao longo da sua história de conceituação.

Peixoto (1993) contribui trazendo informações a respeito da Orientação Profissional e de sua constituição, sendo esta vinculada com o crescimento industrial no começo do século XX. A divisão do trabalho e a necessidade de avaliar a qualidade e as especializações da mão de obra emergente a partir dos adolescentes. É possível compreender também esta perspectiva em outros autores, como Abade (2005) que contextualiza o momento político e econômico do país na primeira metade do século XX, pontuando que o Brasil estava vivenciando um período de ditadura de Getúlio Vargas e o movimento de urbanização e industrialização no país. Como diz Sparta (2003), a Orientação Profissional surge ligados aos objetivos da sociedade industrial em busca da eficiência e maior produtividade dentro da sociedade capitalista.

Ainda a partir de Sparta (2003), é possível compreender o trajeto histórico da Orientação Profissional no Brasil, iniciando sua trajetória dentro da Psicometria, servindo de base para sua teorização e prática feitas a partir das traduções das produções científicas estrangeiras, marcadas também por testes, práticas diagnósticas, diretivas e baseadas principalmente pela Teoria do Traço e Fator. Abade (2005) complementa justificando que a utilização de testes desconsiderava a constituição histórica, social e econômica da população, construindo a Orientação Profissional a partir de uma postura naturalizante e individualista, vinculadas a influência da Psicometria. Com a regulamentação da profissão do psicólogo e com isso a criação de cursos, disciplinas, e a apropriação dos teóricos pioneiros participaram na construção de um conhecimento a respeito da Orientação Profissional intimamente ligada ao contexto brasileiro.

Por outro lado, Bock (2001) pontua que há diferentes sistematizações teóricas referentes à Orientação Profissional, sendo que historicamente foram estruturadas em teorias não psicológicas, teorias psicológicas e teorias gerais.

As teorias psicológicas, como apontado por Bock (2001), foram as mais difundidas na psicologia brasileira, destacando-se a Teoria do Traço e Fator, onde se fundamentaram a partir da concepção de características inatas, aptidões existentes no sujeito e na utilização de testes vocacionais; as Teorias Psicodinâmicas, pautadas na psicanálise e na investigação entre o desenvolvimento afetivo sexual, relacionando com as vocações e as profissões, influenciados por padrões de personalidades; as Teorias Desenvolvimentistas, representadas principalmente por Super (1976), a partir de um enfoque operacional do processo de escolha profissional, estruturado em estágios e etapas; as Teorias Decisionais, baseadas nos fundamentos da Administração de Empresas, da Economia, da Psicologia Social e das ciências cognitivas,

visando a investigação das possibilidades e das consequências existentes nas diferentes escolhas profissionais.

E por último, as teorias gerais são constituídas pela apropriação de conhecimento de diferentes áreas como da psicologia, sociologia e economia, que buscam avaliar de forma geral os aspectos psicológicos e socioeconômicos (Bock, 2001).

Com a sistematização teórica tradicional encontrada na produção teórica da Orientação Profissional, Bock (2001) propôs uma organização teórica das ideias existentes em tal temática, estando estruturadas em teorias tradicionais, teorias críticas e teorias para além da crítica.

A primeira, teorias tradicionais, se baseiam em padrões de personalidades e de perfis que se adequavam a diferentes atividades existentes nas profissões, notando uma cristalização no desenvolvimento do sujeito, culminando em aptidões e habilidades específicas e que se enquadrariam a determinadas atividades profissionais (Bock, 2001). Portanto, o psicólogo atuava como um auxiliador para traçar o perfil psicológico do sujeito com o perfil ocupacional que se adequava às atividades e funções das possíveis profissões, estabelecendo-se críticas a respeito da solidificação, da generalização e de estereótipos tanto para o sujeito quanto para as imagens criadas a respeito das profissões, desconsiderando a potencialidade do sujeito e as mudanças sócio históricas que permanecem influenciando ao longo do tempo.

Nesse sentido, entende-se que a Orientação Profissional estava pautada na Psicometria e padrões de personalidade, mas este contexto começou a mudar a partir da introdução das obras de Rodolfo Bohoslavsky na década de 1970, momento em que se buscavam criar uma produção teórica própria da Orientação Profissional utilizando-se da clínica, da configuração social de grupo e pela crítica no uso de testes e escalas padronizadas (Abade, 2005).

As teorias críticas, descritas por Bock (2001), tiveram início a partir da década de 1980. Surgiram com a proposta de analisar as teorias existentes e seus constructos, para identificar metodologias e as qualidades das intervenções, citando autores como Selma Garrido Pimenta, Maria Helena Souza Patto e Celso Ferretti como pioneiras das críticas referentes ao uso da psicologia na Orientação Profissional, da sociedade capitalista e do contexto escolar. Com isso, percebe-se a Psicologia como um dos responsáveis pelo processo de individualização e pela naturalização, descaracterizando os aspectos sociais, políticos e econômicos, incentivando o reducionismo e a desigualdade.

Para as teorias além da crítica, Bock (2001) destaca a abordagem sócio-histórica como superação entre as teorias tradicionais e críticas, considerando a dicotomia entre sujeito e sociedade de forma ampla, dialética e concomitantes, compreendendo que ambos são atores e se misturam em suas construções. O enfoque a partir desta vertente está em contribuir para que os sujeitos possam destacar e compreender as determinações para que seja mais apto a interferir no mundo social de forma livre e autônoma (Bock, Gonçalves & Furtado, 2002)

Percebe-se a partir de Carvalho e Araújo (2010) que a Orientação Profissional se manteve prioritariamente no contexto clínico, visando a necessidade da inserção deste profissional no contexto escolar pelas possibilidades e riquezas de atuações possíveis entre a escola e a escolha profissional, visando também a participação de outros agentes neste processo, como os professores, os pais, e membros da comunidade, além de promover uma prática democrática que proporcione o acesso universal a serviços deste caráter.

De acordo com Bock (2001) é possível compreender a Orientação Profissional como um conjunto de ações e intervenções de prevenção e promoção de saúde que visam refletir a respeito dos determinantes da escolha. Como pontuado por Bock, Gonçalves e Furtado (2002), a Orientação Profissional se mostra como uma prática promotora de saúde por possibilitar conscientização sobre o sujeito e a sociedade em sua volta, desenvolvendo uma postura ativa, crítica e autônoma.

Diante do contexto atual, é possível encontrar conceituações que contemplem a complexidade do processo de orientação profissional, como a proposta por Mandelli, Soares e Lisboa (2011)

Partimos da compreensão de que a Orientação Profissional é uma prática social capaz de estimular o jovem a pensar na construção de seu futuro, por promover a busca sobre si, de sua história, dando-se conta de sua condição presente, das oportunidades e exigências do mundo do trabalho, relacionando-as com suas necessidades, como subsistência, consumo e ocupações. Ao refletir sobre esses pontos, o jovem começa a moldar seu projeto de vida, concomitantemente ao projeto profissional, por perceber seus sonhos, desejos e ideias, em coerência com a realidade possível para o momento e com as perspectivas de futuro. (Mandelli, Soares & Lisboa, 2011, p. 50)

Ainda a partir das autoras supracitadas, é compreendido que o orientador profissional e suas ações devem estar pautadas no autoconhecimento, nas informações a respeito do mundo

do trabalho e na construção de um posicionamento crítico e consciente a respeito das escolhas e suas implicações, mediando de forma que promova a instrumentalização do sujeito e a promoção de bem estar durante o processo de escolha profissional.

Souza, Menandro, Bertollo e Rolke (2009) compreendem a Orientação Profissional como uma intervenção psicossocial que atua sobre as relações entre a Educação, o trabalho e o homem, com o objetivo de favorecer ao sujeito a tomada de consciência a respeito da participação ativa na construção da escolha profissional e da vida do sujeito. Com isso, a escolha “certa” estaria relacionada com a condição e o contexto, possibilitando que o sujeito se encontra, destacando as potencialidades para atuar e modificar criticamente à sua volta.

Carvalho e Araújo (2010) afirmam que uma das premissas da prática em Orientação Profissional é o investimento no processo de construção de autonomia e conscientização através do acesso às informações de forma crítica, possibilitando ao adolescente o acesso a respeito dos vestibulares, das universidades, das leis trabalhistas, dos caminhos existentes entre seus desejos e as oportunidades em sua volta.

Portanto, mostra-se necessário não somente uma revisão nos embasamentos teóricos e práticos, mas também práticas que fundamentam e fortaleçam as ações e propostas estruturadas. Com isso, o trabalho de orientação profissional enquanto política pública se torna um caminho importante e necessário para chegar próximo a uma educação democrática, efetiva, salutar e contingente com as demandas da sociedade contemporânea.

Orientação Profissional e Políticas Públicas

No atual contexto brasileiro, a discussão sobre mundo do trabalho e Ensino Médio - momento no qual o adolescente é convidado a pensar sobre a sua escolha profissional e a tomada de decisão - ocupa um papel de destaque nas decisões sobre políticas públicas. O Ensino Médio se mostra como desinteressante para grande parte dos adolescentes, sendo marcado por um quadro importante de evasão escolar e, frequentemente, é cursado por sua exigência para o ingresso no Ensino Superior ou por um critério de seleção para vagas de trabalho. Grande parte dos adolescentes que cursam o referido nível de ensino não o compreende como um fator importante para a sua formação pessoal. O Ministério da Educação (Brasil, Ministério da

Educação, 2008) reconhece a crise do Ensino Médio atualmente e procura desenvolver estratégias que resignifiquem essa etapa de formação e de preparação para o trabalho.

A orientação profissional pode ser um caminho importante na formação e na construção de sentidos para o adolescente que esteja cursando o Ensino Médio e vivenciando o processo de escolha profissional. Por meio dela, é possível criar espaços para (in)formar o adolescente sobre as diferentes áreas de conhecimento ofertadas pelas instituições de Ensino Superior e as diferentes possibilidades para atuação profissional. Nesse sentido, é fundamental desenvolver estudos que investiguem aspectos determinantes na construção de projetos profissionais dos estudantes do ensino médio, a fim de que não sejam criadas propostas de ações alheias aos problemas, barreiras e dificuldades que esse estudante enfrenta ao escolher uma carreira e definir um projeto de futuro.

Cabe, também, compreender o atual cenário político-econômico que impacta diretamente no mundo do trabalho e, conseqüentemente, no sistema de ensino brasileiro em seus diferentes níveis. A partir da globalização e das novas relações de trabalho é possível notar mudanças na sociedade como o aumento da concorrência, da exigência da qualificação do profissional, necessidade de adaptação ao uso das novas tecnologias (Pfeifer, 2017). Com isso, o adolescente do século XXI muitas vezes sofre de angústia, insatisfação, baixa autoestima, depressão, entre outros causados pela pressão para escolher um curso e preparação para adentrar no mundo do trabalho (Lisboa, 2017). Portanto, mostra-se uma demanda dentro da educação, nas escolas e instituições de Ensino Superior, para estruturar intervenções e projetos que acolham e trabalhem as questões entre o sujeito e o trabalho, sendo mediados pela orientação profissional. A informação mostra-se como um método preventivo para combater o desemprego, condições precárias de trabalho, diminuição de gastos, insatisfação, desamparo.

Em sua análise histórica sobre as políticas educacionais brasileiras, Fonseca (2009) explicita que as instituições escolares enfatizavam o desenvolvimento da educação voltada para a produção de trabalhadores, a partir do ensino técnico e quantitativo de habilidades e conhecimentos. Com isso, descaracteriza a educação como possibilidade de formação como cidadão, desqualificando o conhecimento crítico e social para poder compreender sua posição na sociedade e as condições e possibilidades de atuar e viver dignamente.

Para complementar, Fonseca (2009) conclui que

...a sociedade espera que o Estado faça a sua parte. Primeiro, atuando como poder mediador, capaz de catalisar as demandas emanadas do campo científico e econômico, da comunidade educacional e das famílias e de conduzi-las ao encontro de um projeto educacional que contemple todas as dimensões do conhecimento humano. Segundo, exercendo sua capacidade equalizadora, no sentido de prover condições para a superação das dificuldades que afligem os entes administrativos locais (orçamentárias, gestionárias, pedagógicas e culturais). Enfim, espera-se que o Estado cumpra sua função mais genuína, a de preparar os profissionais da escola para que possam agir como sujeitos centrais no processo de construção de um projeto educacional de qualidade. (Fonseca, 2009, p. 173)

Diante disso, a orientação profissional de forma crítica mostra-se como uma área de saberes e fazeres que luta pela democratização e contra a alienação, auxiliando o indivíduo a ter consciência crítica sobre seus determinantes econômicos, políticos, sociais, educacionais. (Lisboa, 2017). Principalmente no momento da primeira escolha, a orientação profissional pode atuar no fortalecimento da superação das questões sociais como a evasão escolar, o sofrimento causado pelo processo seletivo do ensino superior, buscando trabalhar o autoconhecimento e informações a respeito das profissões e o mundo do trabalho. Com isso o indivíduo tem condições de realizar uma escolha com maior autonomia e segurança. Como pontua Mandelli (2017), a orientação profissional é um trabalho que atua sobre as questões individuais e educacionais simultaneamente, por meio do acolhimento, no fortalecimento pessoal através da conscientização sobre seus determinantes e das informações do mundo do trabalho.

Portanto, a partir deste trabalho, nota-se de maneira crítica os fenômenos dentro da relação entre os adolescentes e a escolha profissional, fomentando a prática de profissionais que desejam se especializar nesta área, explicitando percepções e reflexões que partiram desta prática, abrindo a discussão sobre as possibilidades entre a orientação profissional e as políticas públicas em educação.

Estrutura do trabalho

O trabalho de orientação profissional com adolescentes

Este trabalho se caracteriza como um estudo descritivo, qualitativo, estruturado a partir de um relato de experiência, desenvolvido no Estágio Profissionalizante oferecido para estudantes que estejam cursando a partir do 8º período do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na cidade de Uberlândia-MG. É coordenado por uma docente do Instituto de Psicologia da referida instituição de ensino superior e tem como proposta identificar os conflitos referentes ao processo de escolha profissional, auxiliar o adolescente a desenvolver a identidade profissional, discutir sobre os processos de ingresso no ensino superior e cursos técnicos, mundo do trabalho, e elaborar propostas de intervenções com adolescentes em grupos.

A partir do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Psicologia (PPC) entende-se o estágio supervisionado como “atividades de aprendizagem social, profissional e cultural proporcionadas ao estudante mediante sua participação em situações reais de trabalho”. Portanto, constitui como um “espaço de aprendizagem, no qual as habilidades, competências e condutas éticas, indispensáveis na prática profissional do Psicólogo, deverão ser aprimoradas pelo discente nos diversos âmbitos de atuação profissional” (PPC, 2011, p. 39).

O estágio em Orientação Profissional corresponde à ênfase em Psicologia Escolar e Educacional. Visa atender adolescentes que estejam cursando os anos finais do Ensino Fundamental 2 (8º e 9º ano), Ensino Médio e cursinhos preparatórios para os processos seletivos oferecidos para ingresso em instituições de ensino superior. Os atendimentos aconteceram em grupo, semanalmente, com duração de 2 horas, aproximadamente, entre 10 e 12 encontros. A divulgação do projeto ocorreu por meio de panfletos distribuídos pelos estagiários em algumas escolas da rede pública e privada da cidade, pelas redes sociais (Facebook, Instagram), pelas vias de comunicação online da universidade, pelo noticiário das emissoras de rádio e TV. A inscrição foi realizada pelo e-mail de contato do estágio, com a proposta de formar grupos de até 20 adolescentes que foram coordenados por uma dupla de estagiários. Uma dificuldade que os adolescentes encontraram foi de encaixar os horários de sua rotina como aulas extracurriculares e empregos, para comparecer aos grupos semanalmente.

Em relação aos grupos dos estágios, encontravam-se na faixa etária entre 14 e 18 anos, contemplando estudantes de algumas escolhas públicas e privadas do município, que tinham como demanda as questões relacionadas principalmente com o vestibular e o contexto

universitário, onde o ensino técnico não foi trabalhado no serviço de orientação profissional por não ser a questão fundamental do grupo.

A opção por realizar o trabalho de orientação profissional em grupo se deu no sentido de criar um espaço de encontro e troca de experiências entre adolescentes que estejam vivenciando momentos semelhantes frente ao processo de escolha de uma profissão. Soares e Krawulski (2018), defendem que o desenvolvimento da orientação profissional em grupo possibilita a troca de informações e experiências de modo a ampliar as percepções sobre a escolha profissional a partir das relações que se estabelecem dentro do grupo, pois os adolescentes encontram pares com as mesmas demandas e que podem se ajudar ao compartilhar seus pensamentos e sentimentos.

É importante destacar o caráter do estágio, o qual, além de buscar um espaço que proporcione desenvolvimento do processo teórico prático do graduando e a possibilidade de atuar sobre a área de orientação profissional, buscava encontrar ações educacionais democráticas, priorizando o público de escolas públicas, atuando em busca da democratização para não promover a situação de elitização que se encontra a orientação profissional dentro de sua história e de seu espaço no Brasil. Com isso, os sujeitos que não possuem recursos como: professores particulares, aulas complementares, e não necessitam adentrar ao mercado de trabalho durante a adolescência, conseguem ter acesso a um serviço de orientação profissional para poder discutir e planejar suas questões futuras a respeito do trabalho. Portanto, possibilita o questionamento a respeito das leis que regulamentam a atuação do psicólogo, onde não há por exemplo, a obrigatoriedade do psicólogo no ensino público como em escolas municipais e estaduais, auxiliando o processo de elitização onde os serviços do psicólogo se tornam secundários. Fortalece a questão central do trabalho que busca argumentar a orientação profissional como uma prática inerente às instituições educacionais, legitimado pelas políticas públicas.

Outro ponto importante é a desmitificação da orientação profissional com o enfoque em testes psicométricos e ocupacionais relacionando características à determinadas profissões. A atuação no estágio a partir de outras perspectivas teóricas, como a abordagem sócio-histórica, o Psicodrama, os estudos de Bohoslavsky, é possível construir uma ação que contemple as questões subjetivas do sujeito e objetivas do mundo do trabalho e das profissões, instigando o grupo de adolescentes a refletir criticamente e de forma autônoma sobre a escolha profissional.

Os encontros foram estruturados no formato de rodas de conversa, oficinas expressivas, diálogos com profissionais, visitas aos campus da universidade e dinâmicas relacionadas com informações a respeito do mundo do trabalho. As atividades estavam fundamentadas nas temáticas do autoconhecimento, determinantes da escolha, informação a respeito dos cursos, mundo do trabalho e processos de ingresso no Ensino Superior. A partir de Soares e Lisboa (2018) sobre o trabalho de orientação profissional em grupo.

Nessa forma de intervenção, assumida por um orientador profissional ou uma equipe formada por especialistas nessa área do conhecimento, cabe trabalhar: o autoconhecimento e o projeto de futuro dos alunos; a informação profissional; o trabalho como constituinte da identidade adulta; os sentidos e significados do trabalho; o trabalho num sistema econômico, tal como se constitui e realiza. Além disso, faz-se necessário oportunizar aos alunos: palestras ministradas por profissionais; feiras de profissões; feiras de ciências; visitas a empresas e/ou locais de trabalho; visitas a escolas técnicas e universidades. (Soares & Lisboa, 2018, p. 23).

Portanto, será discutido a partir das percepções durante o estágio, complementando com relatos de sessões e do grupo para construir o diálogo entre os impactos da orientação profissional na relação de ensino aprendizagem sobre a questão da escolha profissional. Argumenta-se sobre a possibilidade da orientação profissional se tornar uma ação de caráter promotor de saúde dentro das instituições por meio de políticas públicas, mostrando-se a partir das falas e das avaliações dos adolescentes como um serviço que promove a instrumentalização do sujeito a partir do autoconhecimento e de informações para que o capacite a fazer uma escolha profissional crítica e autônoma. Com isso, auxilia a promover o bem estar, diminuição da evasão escolar, troca de cursos após a ingressão, visando diminuir recursos públicos e da população em geral. O texto está dividido a partir das temáticas trabalhadas durante os encontros.

Autoconhecimento e o processo de escolher

Como pontuam Veriguine, D'Avila e Soares (2018), o autoconhecimento pode ser conceituado como

...o conhecimento de si mesmo, pode ser definido como as informações de uma pessoa sobre seu modo de ser e a maneira como geralmente vivencia e atribui sentidos ao meio ao seu redor. Ele envolve a consciência das características principais, dos valores pessoais, das crenças, das habilidades, dos gostos, dos interesses e das metas pessoais. (Bowditch & Buono, 1992; Soares, 1991 como citado por Veriguine, D’Avila e Soares, 2018, p. 277).

A partir das triagens, realizadas de forma individual antes da composição dos grupos com duração em média de 1h, foi possível compreender se as demandas dos adolescentes estavam relacionadas com as questões de trabalho ou se eram demandas para estabelecer um processo psicoterapêutico propriamente dito; investigar a história do sujeito para compreender de forma breve os contextos e os determinantes no processo de escolha profissional; estruturar temáticas e futuras dinâmicas relevantes para o grupo.

Diante disso, observou-se nos adolescentes a partir de suas falas, que o processo de escolha profissional era marcado de sentimentos de ansiedade, de incerteza, de desconfiança, entre outros. Traziam a respeito da competitividade do vestibular, das vagas de emprego, das diferenças entre os indivíduos a respeito das condições socioeconômicas (escola particular, escola pública, cursos pré vestibulares, aulas extracurriculares), o medo de escolher um curso “errado”, de não saber o que gosta e o que escolher.

Com isso, as práticas desenvolvidas no decorrer do grupo visavam o autoconhecimento, promovendo discussões que possibilitavam conscientizar os adolescentes a respeito da escolha profissional. Uma técnica utilizada durante os encontros foi a “técnica dos bombons” proposta por Levenfus (2016), a qual a partir de uma caixa de bombons era discutida os critérios utilizados no processo de escolher, relacionando a escolha de um chocolate com o processo da escolha de uma profissão.

...Após esta conversa, entramos na técnica dos bombons onde deixamos dois bombons e começou pela T., que pegou o chocolate branco, depois o R. e por último a G. que ficou sem o bombom. Começamos perguntando como que foi escolher esse chocolate, onde G. comenta que é ruim a sensação de ficar sem um bombom. T. diz que escolheu o bombom por que é um que gosta muito, mas diz que não era o seu preferido. R. diz que simplesmente pegou o bombom por que era a única opção. Conforme as falas foram aparecendo nós começamos a pontuar relacionando o processo de escolha, os bombons

e os cursos. De maneira geral, contamos que as vagas não são disponíveis para todos, problematizamos a forma que o ENEM estabelece para escolher os cursos, discutimos que é necessário um foco na hora da decisão. Pontuamos especificamente que é complicado fazer a escolha profissional estabelecendo sua nota com os possíveis cursos, fazendo sua escolha por eliminação em relação a nota e vaga. Também comentamos sobre a possibilidade de poder escolher diferentes cursos, por consequência da nota, do número de vagas e do interesse pelas áreas. (Relato de atendimento 17/04/2018).

A partir desta técnica, foi possível tecer reflexões sobre o modo como as escolhas são individuais, pois o adolescente é que será impactado pelas consequências de tal escolha. Portanto mesmo que a família, os amigos e professores opinem sobre determinada escolha, quem estaria realizando o curso seriam os adolescentes. A questão de não conhecer todas as informações para então poder fazer uma escolha também foi discutida, mostrando que se deve pesquisar informações para conhecer as possibilidades e tomar uma decisão.

O número limitado de vagas nas universidades e a pouca oferta de empregos foi abordado a fim de refletir que nem sempre o planejado acontece, como: às vezes será necessário inúmeras tentativas para alcançar o ingresso no ensino superior, administrar o tempo para estudo e (re)planejar seus caminhos diante de imprevistos, a pressão de familiares e amigos, e diminuir sentimentos e falas como “meus amigos conseguiram e eu não”, “não quero ter que fazer cursinho”, “não sei o que eu vou fazer se eu não passar”.

Estas reflexões se mostraram como fundamentais para os adolescentes no processo de escolha profissional, mostrando uma demanda por parte dos adolescentes e da psicologia para poder acolher e propor estratégias de intervenção. Uma delas se mostra como o atendimento grupal estruturado no estágio, mas também abre-se espaço para a proposta de ações preventivas e de longo prazo, mediadas por meio das políticas públicas, possibilitando o sujeito de se aproximar do mundo do trabalho, abrindo espaços de reflexão sobre as profissões e as responsabilidades das escolhas e das profissões e sobre si, antes mesmo do ensino médio. Como diz Frota (2018), a palavra “processo” está intrínseca na escolha profissional e suas consequências, mostrando que as intervenções ao longo do processo educativo nas escolas possam se mostrar mais ricos do que a orientação profissional em grupo em apenas um semestre, pois possibilita construir um processo de aquisição de informações e conhecimentos sobre si e do mundo de forma mais aprofundada e estruturada. A ansiedade, o sentimento de despreparo, a incerteza e a angústia ao final do ensino médio devem ser acolhidas,

compreendidas e trabalhadas durante o percurso na adolescência e da escola, de maneira “repentina” ao final do terceiro ano do ensino médio.

Outro recurso utilizado foi o livro em forma de caixinha composto por 100 cartas, cada uma com uma pergunta, que possibilita o adolescente refletir sobre as escolhas de seu futuro profissional, denominado “Profissão Futuro”.

L. pegou a carta com a pergunta “Qual a diferença entre trabalho e emprego?”, e ela respondeu que o trabalho é algo que você faz que gosta, que tem paixão, que é o que você quer, e o emprego não necessariamente é algo que você gosta, mas algo que você faz como forma de ganhar dinheiro. Perguntamos se ela se submeteria a um emprego caso não achasse um trabalho na área que desejava, e ela respondeu que sim que iria para qualquer emprego para ganhar algum sustento mas que continuaria tentando até conseguir na área ou no local que queria. O L. traz que para ele não faz diferença, o que estiver disponível ele pegará, mas que prefere algo na área que gostaria de atuar, sendo a oncologia. Com isso possibilitou relacionar a escolha profissional com uma balança, discutindo que cada sujeito fará sua escolha profissional pensando na satisfação pessoal durante o trabalho, sua remuneração, o contexto em que ele ocorrerá, mostrando os possíveis determinantes na escolha de uma ocupação profissional. (Relato de atendimento 26/10/2017).

Nesta discussão foi possível refletir sobre a escolha profissional e o que a compõe, relacionando com uma balança, discutindo que cada indivíduo pondera sobre a remuneração, a satisfação pessoal no trabalho, em que lugar poderia trabalhar para obter determinada remuneração, entre outros determinantes, destacando a necessidade do planejamento e de conhecer o que procura.

Ao final dos encontros, ocorreram momentos de reflexão e de feedback dos adolescentes sobre as discussões ocorridas durante o encontro, na intenção de verificar o que havia sido apreendido e de que maneira as temáticas estavam contribuindo no processo de escolha de cada participante do grupo. Com isso apareceram falas referentes ao grupo como espaço de acolhimento, compreensão e conforto apesar de tratar de temáticas causadoras de angústia e sofrimento.

Isso revela que há uma demanda por parte deste grupo para conversar sobre as questões envolvidas na escolha de uma profissão, tanto a respeito do que eu gosto e quero fazer, como

informações sobre o mundo do trabalho e das profissões. A orientação profissional, nesse sentido, deve acolher a demanda do grupo e construir ações que integrem e possibilitem compreender como o vivencia este período de sua vida e como auxiliá-lo a passar por este momento com sentimentos de bem estar e segurança nas suas ações. Como diz Soares e Lisboa (2018)

a escola é definida como o espaço onde o aluno desenvolve suas potencialidade afetivo-cognitiva e sociais. Assim, seu objetivo seria não só fornecer conhecimentos teóricos como também preparar para o trabalho, oferecendo uma formação adequada para o ingresso no mundo profissional. (Soares & Lisboa, 2018, p. 20).

Com isso, o orientador profissional poderia dentro das escolas possibilitar ao adolescente a conscientizarem sobre suas ações e seus determinantes, por meio de dinâmicas grupais, rodas de conversa, discussões a partir de filmes e obras literárias. Como diz Lisboa (2018), deve-se discutir no processo de orientação profissional as dimensões da sociedade, como a econômica, política, social, educacional, para possibilitar o adolescente a sair de um processo de alienação constante no mundo do trabalho para uma escolha crítica e pautada nas questões da realidade e cidadania. Portanto, não apenas dentro de escolas, mas na composição de leis, de ações governamentais e na estruturação de práticas que auxiliem na investigação e avaliação do problema público em questão, sendo a escolha profissional.

Recursos de informação e sua importância

Ao concluir os encontros designados ao autoconhecimento, iniciavam-se as atividades que proporcionaram discussões sobre as informações do mundo do trabalho, das profissões e das possibilidades dentro da universidade. Com isso, o objetivo destas ações foram promover uma postura ativa e econômica na busca de informações, compreendendo a importância de conhecer a realidade para fazer a escolha profissional, se habilitando de onde e como buscar tais informações.

Tanto o conhecimento subjetivo como suas metas, desejos, habilidades, conhecimento sobre si, e o conhecimento objetivo, qual a rotina de determinada profissão ou das oportunidades da universidade como bolsas e projetos de pesquisa, informações sobre cursos

técnicos mostram-se como importantes aos adolescentes durante o processo de escolha profissional.

Como a maioria da demanda do grupo se concentrou em questões sobre vestibulares e da universidade, as atividades tiveram como foco o contexto universitário, as questões de como adentrar no ensino superior, quais os cursos existentes, o que a universidade oferece, entre outros pontos apontados pelo grupo.

Uma das primeiras atividades propostas para aproximar o adolescente do cotidiano universitário foi um passeio pelo Campus onde os atendimentos de Orientação Profissional aconteceriam. O objetivo foi desmitificar o contexto universitário e aproximar os adolescentes deste ambiente, conhecendo os espaços como as salas de aula, centros de convivência, biblioteca, refeitórios, entre outros. Ao final do encontro, abriu-se espaço para compartilhar tal experiência. Os adolescentes revelaram entusiasmo e curiosidade diante das observações feitas durante a caminhada pelo campus. Uma das integrantes do grupo apresentou como dúvida se existe a necessidade de autorização para agendar uma visita para poder adentrar e utilizar dos espaços da universidade pública, como por exemplo: a biblioteca. O grupo demonstrou surpresa com a estrutura dos espaços visitados, com a organização do espaço físico oferecido pela universidade e pelo modo como os estudantes universitários se apropriam desse espaço. Durante as falas dos adolescentes, foi notório que para esse grupo, a presença do sentimento de não pertencimento e invasão do espaço universitário. O uso da internet e dos sites públicos, governamentais e da própria universidade foi discutido na intenção de instigar o acesso voluntário desses adolescentes para pesquisa de informações sobre cursos de seu interesse.

A proposta da atividade, sendo a de criar contato entre os adolescentes e o espaço universitário, mostrou que as escolas dos adolescentes não promovem atividades que proporcionem a aproximação e o contato entre o ensino médio e o ensino superior, ou com carreiras e postos de trabalho propriamente ditos. As questões centrais trabalhadas pelas escolas priorizam o conteúdo escolares e sobre os vestibulares, desconsiderando a importância de informações relevantes aos estudantes dentro deste espaço, como das atividades exercidas e disponíveis na universidade, bolsas de estudos, projetos de iniciação científica e de extensão, cursos e atividades extra curriculares como as ligas e as aulas de dança e de idiomas.

Um obstáculo dentro das escolas e da efetivação da orientação profissional dentro das instituições educacionais se encontra na questão de que não é obrigatório no ensino público a

presença do psicólogo, visualizando nas instituições privadas a maior presença de tal profissional que atua como orientador profissional. Desta forma, o professor se torna o maior aliado neste processo por possibilitar a aproximação dos adolescentes com as práticas e os conteúdos voltados para as informações sobre o mundo do trabalho e as profissões. Com isso, a necessidade de integrar a psicologia e a pedagogia, instrumentalizando o professor a emponderar o estudante mostrando quais as informações relevantes para o mundo do trabalho e de como acessá-las, para então poder fazer uma escolha profissional mais segura e semelhante ao seu projeto de vida.

Nesse sentido, as políticas públicas devem focar na consolidação da psicologia nestes espaços e no fortalecimento nas relações dentro destas instituições. O psicólogo na orientação profissional deve sair de uma posição de consultoria, de intervenção, para uma atuação que vise a prevenção, que esteja presente desde o ensino fundamental para construir junto aos outros agentes educacionais atividades estruturadas, processuais e integradas com os objetivos dos adolescentes e dos planos da educação nacional.

Outra atividade desenvolvida durante os encontros foi o “mural das profissões”, que consistiu em completar informações referentes a cursos de graduação, técnico ou tecnólogo indicados pelos adolescentes do grupo. Este mural tinha suas informações organizadas em: nome do curso, definição, disciplinas, áreas de atuação, média salarial, tempo de duração, habilitação, período (matutino, vespertino, noturno ou integral). As informações ficaram embaralhadas e os adolescentes foram divididos em grupos que deveriam encontrar a correspondência entre os cursos e suas respectivas informações. A partir dessa atividade foi possível trabalhar informações sobre os cursos de maneira lúdica e reflexiva.

Ao começar a dinâmica, foi possível perceber uma diferença em relação a postura, a atenção e a seriedade em que foi levada em consideração com a atividade. O grupo se mostrou focado, dialogando entre si para poder chegar a uma resposta, parecendo que aquelas informações realmente eram importantes para eles. De uma forma geral, acertaram a maioria das informações, com exceção de médias salariais e algumas disciplinas, mostrando uma dificuldade em compreender qual ação, disciplina ou matéria é relativa a qual curso, e também um desconhecimento a respeito das questões financeiras tanto profissionais quanto pessoais. (Relato de atendimento, 17/10/2018).

Durante a atividade foi problematizado sobre a proximidade de algumas informações de cursos que correspondem a mesma área, especificidades de faixa etária de acordo com região, diferentes possibilidades de atuação, estrutura de cada curso.

Ao mesmo tempo que possibilitou trabalhar as informações gerais sobre cursos, foi possível compreender as dificuldades enfrentadas pelos adolescentes do grupo. As maiores dúvidas apresentadas no decorrer da atividade se concentraram na questão da média salarial e das disciplinas de determinados cursos e profissões, o que possibilitou refletir sobre os gastos na sociedade, na projeção do futuro e das condições que deseja para conseguir um estilo de vida, entre outros.

Isso possibilitou problematizar sobre a possibilidade de atuação com a orientação profissional em apoio às instituições educacionais, tanto de nível médio quanto superior. Como afirma Frota (2018), o trabalho precisa ser aderido nas práticas pedagógicas, pois a escola já é incumbida da responsabilidade de proporcionar um espaço para que o sujeito se desenvolva integralmente, em todas as suas dimensões. Portanto, o trabalho estaria ancorado nas práticas com tais objetivos, partindo da cooperação de diversos profissionais atuando na instituição. A autora (2018) pontua, também, sobre a diferenciação nas práticas em orientação profissional e suas dificuldades.

Muitas vezes, o processo de OP é realizado por meio de ações de contra turno, optativas, competindo com atividade diversas e com os horários de estudo. Apresentam-se ainda nesse perfil mais comum do trabalho de orientação nas escolas aplicação de testes, palestras de profissionais e feiras informativas sobre profissões. [...] Apesar de a contextualização do presente relato estar direcionada à realidade de escolas particulares, o cenário nas instituições públicas é ainda mais desafiador quando avaliado também pela ausência de políticas públicas de orientação profissional e preparação para o mundo do trabalho. (Frota, 2018, p. 190).

Para além dos espaços escolares propriamente ditos, ações que promovam a integração dos adolescentes ao mundo do trabalho por meio de vivências como jovens aprendizes, empresas juniores, ou seja, contextos que promovam a experiência laboral e a possibilidade de conhecer profissões e tarefas inerentes ao trabalho. Nestes contextos, tanto nas instituições escolares como nas organizações, o psicólogo pode mediar a compreensão do adolescente na experiência, proporcionando autoconhecimento e conhecimento do mundo do trabalho,

buscando construir questionamento a respeito da relação e do significado para o sujeito, saber o que levou o sujeito a fazer determinada escolha, por quais caminhos ele pode traçar para atingir seus objetivos, e através de instrumentos de avaliação e de feedback ao longo prazo, para se constituir um processo contínuo, preventivo e construtivo. Em meio ao mundo globalizado, onde há inúmeras profissões, atividades e conhecimentos para serem levados em conta na escolha profissional, precisa-se proporcionar ao sujeito experiências teóricas e práticas, que levem o adolescente a se conhecer, a compreender o mundo e entender como se manifestará durante sua vida.

Encerramento com os profissionais

Os últimos encontros do grupo ficaram reservados para a conversa com profissionais, preferencialmente pessoas que tiveram experiências significativas com o curso bem como com as possibilidades de atividades propostas pelo curso, como: pesquisa, extensão, mobilidade, participação em entidades estudantis. A proposta foi compartilhar a própria experiência de escolha profissional, sua trajetória no curso e sua inserção no mundo do trabalho. Os profissionais foram escolhidos a partir de consultas com o grupo sobre quais profissões tinham interesse e curiosidade em aprofundar seus conhecimentos.

É importante destacar que no decorrer dos encontros, os adolescentes trouxeram diferentes cursos/profissões, mostrando que durante o percurso foi possível desmistificar ideias a respeito das áreas do conhecimento e refletir sobre a escolha de forma crítica e objetiva.

De forma geral, foram discutidos tópicos como por exemplo a respeito da dificuldade do processo seletivo para medicina, onde os convidados pontuam que o vestibular é uma prova onde o conteúdo não é o fator fundamental para conseguir a ingresso, mas sim um dos fatores. Destacam a necessidade de conhecimento técnico a respeito de como fazer uma prova, resposta de múltipla escolha, estratégias para conseguir recordar conteúdos, métodos para não ficar ansioso durante a prova, entre outros. O fisioterapeuta, estudante de medicina, conta como foi sua trajetória sobre diferentes cursos, dizendo que estas mudanças fazem parte de um processo que agrega a formação dentro de um mesmo âmbito, sendo este o da saúde. Ele complementa dizendo que o objeto de estudo continua o mesmo, mas que cada área compreende e possui métodos e instrumentos para o ser humano e suas condições de saúde, mostrando a delimitação das

profissões, a importância do trabalho multiprofissional, etc. O diálogo com os profissionais de diferentes áreas mas de um campo semelhante foi possível compreender como cada profissão atua no seu cotidiano e de que forma eles atuam em conjunto, diferenciando a importância e o papel de cada profissional. (Relato de atendimento, 12/06/2018).

Nestes encontros notou-se que os integrantes do grupo se esclareceram de maiores informações para o processo de fazer uma escolha profissional, integrando determinantes e contingências antes não vistas ou consideradas pelos adolescentes. Mesmo o objetivo do estágio ser o de instigar o adolescente a buscar as informações necessárias para a escolha profissional, foi possível notar o impacto das discussões e dinâmicas construídas no grupo. Durante o período escolar, se fosse possível com mais frequência organizar visitas as instituições de ensino superior, locais de trabalho, convidar profissionais para palestras e rodas de conversas, entrevistar e pesquisar diferentes profissões, o sujeito poderia conhecer mais as atividades exercidas por cada área de atuação, de forma que consiga compreender as diferenças entre os profissionais da saúde, por exemplo.

O que se visualizou foi uma desinformação dos adolescentes e, por consequência, da escola em sua transição para o ingresso ao ensino superior e o mundo do trabalho. O medo de fazer uma escolha “errada”, que se arrependa depois mudando de curso ou de profissão se encontra como intrínseco à juventude atual, refletindo um baixo investimento educacional e nacional sobre a relação entre o indivíduo e o trabalho, altas taxas de evasão escolar, insatisfação nos cursos e nas profissões, desenvolvimento de problemáticas de saúde mental, altos gastos públicos, tempo e dinheiro investidos em cursos onde o indivíduo não exercerá sua profissão, que poderiam ser minimizados por ações que priorizassem as questões subjetivas, como conhecer os determinantes da escolha, seus valores, desejos, habilidades, e as questões objetivas, como as informações a respeito das relações trabalhistas, dos cursos e profissões, vestibulares, etc.

Uma das variáveis que compõe a construção das políticas públicas é o do custo benefício entre a implementação da própria e seus resultados. Com isso, argumenta-se que políticas públicas que visam construir a relação indivíduo-trabalho de forma que vise o bem estar do cidadão, instrumentalizando a buscar informações, a diminuição de gastos públicos através de mudanças de cursos e de carreiras, e maior produtividade imposta pelo sistema econômico atual, mostram-se efetivas no quesito prevenção e promoção de bem estar e saúde mental.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma experiência de estágio profissionalizante de Psicologia em orientação profissional voltado para o público adolescente e promover uma reflexão sobre esta prática enquanto política pública. Nesse sentido, o modelo de trabalho em orientação profissional adotado no estágio profissionalizante realizado, se mostrou como uma ferramenta potente do psicólogo para lidar com as questões sobre a primeira escolha profissional, a qual possibilita atuar dentro de clínicas e instituições educacionais de forma pontual e construtiva.

Este relato mostrou uma experiência que pode ser considerada como embrião de ações e estratégias que visam a construção de políticas municipais, estaduais e/ou nacionais que efetivem a atuação da orientação profissional, proporcionando um serviço gratuito com foco nas instituições de ensino público dos municípios, possibilitando o maior acesso ao ensino superior e se emancipar do processo de alienação existente na sociedade capitalista, ao conhecer-se e se aproximar das questões do mundo do trabalho.

A prática com os adolescentes durante o estágio possibilitou, também, refletir no impacto que o serviço proporciona aos adolescentes, a complexidade da demanda a respeito do processo de escolha profissional e, conseqüentemente, a discussão sobre a estruturação de práticas que visam atender a população como um todo e criar espaços contínuos dentro das instituições, transformando a orientação profissional em um componente intrínseco às práticas pedagógicas, as quais desde os anos anteriores ao ensino médio se torna possível construir um processo educativo aprofundado, crítico e criativo.

Para a formulação de políticas públicas que visam proporcionar ao adolescente enriquecimento sobre o conhecimento de si e do mundo do trabalho, mostra-se necessário a produção científica sobre a primeira escolha profissional e propostas em conjunto com a Psicologia e a Pedagogia para investigar as formas de inserção de atividades e ações em conjunto com as disciplinas escolares propriamente ditas. Estudos que mostram os efeitos do processo de orientação profissional e das conseqüências a partir da escolha feita do indivíduo, pois com isso mostra-se o impacto no bem estar do sujeito, na autoestima, e também de como o sujeito lida e age a partir dos obstáculos que aparecem neste processo.

Uma das características das políticas públicas que dificultam estas ações se encontra na questão sobre o acompanhamento longitudinal dos indivíduos neste processo. A necessidade de avaliar os resultados após o serviço de orientação profissional se torna um desafio a partir do

número de sujeitos que participam do processo, a quantidade de profissionais que atuam sobre o grupo em questão, e a falta de práticas e instrumentos avaliativos para compreender como entrou e saiu do serviço e quais são os recursos mentais e materiais que o sujeito dispõe para continuar sua trajetória no mundo laboral.

Com isso, conclui-se que a partir da orientação profissional é possível trabalhar os aspectos subjetivos e objetivos envolvidos na escolha profissional, não somente priorizando a questão do processo de seleção por vestibular e de transmissão do conhecimento, mas também sobre os desejos dos adolescentes e as possibilidades no mundo contemporâneo.

Referências

Abade, Flávia Lemos. (2005). Orientação profissional no Brasil: uma revisão histórica da produção científica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 15-24. Recuperado em 5 de setembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100003&lng=pt&tlng=pt.

Baroncelli, Lauane. (2012). Adolescência: fenômeno singular e de campo. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 188-196. Recuperado em 06 de junho de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200009&lng=pt&tlng=pt.

Bock, Ana Mercês Bahia. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>.

Bock, Ana Mercês Bahia; Gonçalves, Maria da Graça Marchina; Furtado, Odair (orgs.) *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Reestruturação e expansão do Ensino Médio no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2008. p. 30.

Casa Civil da Presidência da República, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). 2018. *Avaliação de políticas públicas: guia prático de análise ex ante*. Brasília. Vol. 1. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180319_avaliacao_de_politicas_publicas.pdf.

Carvalho, Tatiana Oliveira de, & Marinho-Araujo, Claisy Maria. (2010). Psicologia escolar e orientação profissional: fortalecendo as convergências. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 219-228. Recuperado em 10 de setembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200007&lng=pt&tlng=pt.

Fonseca, Marília. (2009). Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. *Cadernos CEDES*, 29(78), 153-177. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622009000200002>

Fonseca, Débora Cristina, & Ozella, Sérgio. (2010). As concepções de adolescência construídas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF). *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 411-424. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832010000200014>.

Frota, Anna. (2016). *Profissão Futuro*. São Paulo: Matrix.

Frota, Anna Kelly Fraxe Tizianel. (2018). Orientação profissional curricular: um modelo possível. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores (1)*, 1ª edição, 187-204.

Levenfus, R. S. (2016). Técnica para trabalhar escolhas: a técnica dos bombons. In. R. S. Levenfus. *Orientação Vocacional e de Carreira em Contextos Clínicos e Educativos*. 1ª edição. p. 239-246. Porto Alegre: Artmed.

Lisboa, Marilu Diez. (2018). A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores (1)*, 1ª edição, 19-38.

Luckow, Heloiza Iracema, & Cordeiro, Aliciene Fusca Machado. (2017). Concepções de Adolescência e Educação na Atuação de Profissionais do CAPSi. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(2), 393-403. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001432016>.

Lima, Cárita Portilho de, Prado, Marina Borges e Silva, & Souza, Beatriz de Paula. (2014). Orientação quanto à queixa escolar relativa a adolescentes: especificidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(1), 67-75. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100007>.

Mandelli, Maria Teresa, Soares, Dulce Helena Penna, & Lisboa, Marilu Diez. (2011). Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(spe), 49-57. Recuperado em 3 de setembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300006&lng=pt&tlng=pt.

Naves Flaviana Franco. Interfaces entre a psicologia sócio-histórica e a educação popular com adolescentes. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.* [Internet]. 2016. Jun [citado 2018 Jun 06]; 9(1): 32-49. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000100004&lng=pt.

Ozella, S. (2002). Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. In Conselho Federal de Psicologia, *Adolescência: uma perspectiva crítica* (pp. 16-24). Brasília, DF: o autor.

Ozella, Sergio, & Aguiar, Wanda Maria Junqueira de. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742008000100005>.

Pfeifer, Adolfo Kuhn. (2018). Uma abordagem holística em orientação profissional. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores* (1), 1ª edição, 145-169.

Projeto N°58/2011, maio de 2011. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de http://www.ip.ufu.br/sites/ip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/VOLUME%20I%20Psicologia%20Reformula%C3%A7%C3%B5es%20Do%20Projeto%20Pedag%C3%B3gico%20Do%20Curso%20Prc58_2011_0.pdf.

Senna, Sylvia Regina Carmo Magalhães, & Dessen, Maria Auxiliadora. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>.

Silva, Kelly Cristina dos Santos, & Angelucci, Carla Biancha. A lógica medicalizante nas políticas públicas de educação. *Revista Educação especial*, 31(62), 683-696. <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X29132>.

Soares, Dulce Helena Penna, & Lisboa, Marilu Diez. (2018). As diferentes abordagens em orientação profissional. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores* (2), 1ª edição, 17-38.

Soares, Dulce Helena Penna, & Krawulski, Edite. (2018). Técnicas grupais e modos de intervenção em orientação profissional, de carreira e para a aposentadoria. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores* (2), 1ª edição, 39-70.

Souza, Luiz Gustavo Silva, Menandro, Maria Cristina Smith, Bertollo, Milena, & Rolke, Rafaela Kerckhoff. (2009). Oficina de orientação profissional em uma escola pública: uma abordagem Psicossocial. *Psicologia: ciência e profissão*, 29(2), 416-427. Recuperado em 5 de

setembro de 2018, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000200016&lng=pt&tlng=pt.

Souza, Celina. (2006). Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, (16), 20-45. <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222006000200003>.

Veriguine, Nádia; D'Avila, Geruza Tavares & Soares, Dulce Helena Penna Soares. (2018). Autoconhecimento e planejamento de carreira por universitários. *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores (1)*, 1ª edição, 277-293.